



# 1

## WINTER

— Não percebo porque sentes necessidade de ir trabalhar para aquele pequeno hospital sórdido no campo.

Costumava achar que o Rob era um bom homem.

Agora, sei que não é assim.

— Bem, Robert — respondo em voz arrastada, usando o nome completo para o irritar enquanto enfio a última camisola na mala demasiado cheia. — Não sei se sabes, mas há seres humanos, vivos e reais, a viver no campo que também precisam de cuidados médicos.

Não sei porque enfio tanta coisa na mala para um turno. Quando estou em Chestnut Springs, passo a vida em pijama cirúrgico nas Urgências e de *leggings* no quarto de hotel à noite.

— Obrigado por me esclareceres, Winter. — Há um tom mordaz na sua voz que poderia fazer vacilar algumas pessoas. Mas não a mim. Tenho uma parte obscura que se orgulha imenso do facto de eu saber como irritar o meu marido.

Os meus lábios contraem-se enquanto luto para conter o meu sorriso vitorioso.

— Mas porquê esse hospital? Porquê Chestnut Springs? Desloca-te para lá com frequência e sem sequer me avisar. Agora que penso nisso... — Esfrega dramaticamente o queixo, encostado à ombreira do meu quarto. — Nem tiveste em conta se eu queria que a minha mulher

aceitasse esse emprego. Não é de todo uma jogada inteligente para ti em termos de carreira.

Sempre que choraminga como uma criança, interrogo-me sobre o que alguma vez achei atraente nele.

Não sei quando a covinha no queixo se tornou repugnante aos meus olhos. Só que o é. A forma como penteia o cabelo com uma pequena franja que não se mexe nem quando está vento fazia-o parecer elegante e sofisticado.

Agora parece-me falso.

Como muita da minha vida com ele.

Estou certa de que se penteia assim por ser demasiado vaidoso para admitir que está a ficar careca.

E, para mim, nada faz a masculinidade de um homem mirrar e morrer como queixar-se de uma mulher exercer a independência profissional. Bem podia bater o pé e sair a esbracejar como um pequeno fedelho chauvinista.

Levo a mão ao fecho e forço-o contra o protuberante conteúdo da mala.

— Tem graça — começo, assegurando-me de que o meu tom se mantém frio e regular. — É quase como se tu... fosses a última pessoa a quem pediria conselhos.

Com um suspiro, corro o fecho e olho para a mala rígida, apoiando as mãos nas ancas e deixando um sorriso satisfeito aflorar-me aos lábios.

— O que raio quer isso dizer, Winter?

A forma como ele acrescenta o meu nome ao fim de cada frase dá a ideia de que tenta repreender-me.

Azar o dele. Não aceito repreensões.

Está ditosamente inconsciente do que é preciso para navegar pelo sistema de saúde enquanto jovem profissional do sexo feminino. Se eu deixasse homens tão fracos como o Rob ultrapassar-me, não teria hipóteses.

E esta carreira é a única coisa que alguma vez tive que é minha. Por isso, bem pode ir bugiar.

Virando uma mão, olho para as minhas descuradas unhas, tentando dar a ideia de que ele me aborrece. Pergunto-me se encontrarei uma boa manicura em Chestnut Springs.

— Não te armes em estúpido — respondo. — Combina mal com as lamúrias.

Questiono-me porque continuo casada. Sei por que razão pensava que me estava a aguentar. Mas agora? Só preciso de ganhar coragem e de acabar com isto. Volto a olhar para a mala, feita como se me fosse ausentar durante muito tempo, e pergunto-me se o meu subconsciente sabe algo que eu não sei.

Talvez essa cabra esteja a marcar posição e a ajudar-me a fugir daqui de uma vez por todas.

Não me oponho.

— Vê como falas comigo — avisa o Rob.

Semicerro os olhos, olhando para as minhas cutículas enquanto luto para conter a cólera que borbulha dentro de mim. A lava escaldante que ferve sob a superfície fria, à espera de irromper.

Mas há anos que a mantenho ao largo. Não será o Dr. Rob Valentine a fazer-me entrar em erupção.

Ele não merece o desperdício de energia.

Viro os olhos para o fitar do outro lado do quarto. Do meu, porque, quando lhe disse que não íamos continuar a dormir na mesma cama, em vez de ser ele a sair, indicou-me o quarto de hóspedes — como o verdadeiro cavalheiro que é.

Apesar de a culpa ser dele.

É ele a razão pela qual estamos onde estamos.

E a pior parte é que o amei, em tempos. Era todo meu. Um lugar seguro para aterrar após ter crescido no que parecia ser uma espécie de guerra fria doméstica.

Baixei a guarda com ele. Apaixonei-me demasiado.

Partiu-me o coração mais violentamente do que alguma vez deixarei que alguém saiba.

Não lhe respondo. Em vez disso, agarro na pega da mala e passo pela sua figura esguia, dirigindo-me à porta da nossa ampla casa de novecentos metros quadrados.

Ouçoo a seguir-me. Os sapatos a bater contra o mármore. E é claro que não se oferece para carregar a mala por mim.

Um sorriso sardónico torce-me os lábios e abano a cabeça à ideia de ele se dar ao trabalho de erguer um dedo para me ajudar. O mais difícil de aceitar na implosão do meu casamento é que não estava à espera. Que possa ser inteligente, bem-sucedida e estratégica em tudo o que faço, mas tenha, ainda assim, deixado que este sacana me apanhasse desprevenida é simplesmente... humilhante.

Ter sido enganada desta forma irrita-me incomensuravelmente.

A fúria irradia dele. E limito-me a continuar serenamente, enfiando um par de botas altas de cabedal e vestindo um comprido casaco de lã castanha.

— A sério, Winter? Nem te dignas dar-me uma resposta?

Metodicamente, ato o cinto do casaco à volta da cintura, decidindo que não tenho o menor desejo de me dignar dar-lhe seja o que for.

O problema é que o Rob me conhece bem. Estamos juntos há cinco anos, o que significa que também sabe como me irritar.

Percorre-me o rosto com um olhar enviesado e cruel.

— Gostava do teu cabelo mais claro. — Arrasta o indicador por cima da minha cabeça, analisando as madeixas mais escuras coroadas por um tom quente. Sempre foi obcecado por que eu tivesse o cabelo louro-prateado. — Esta nova cor não é tão apelativa. Parece suja.

Mas retocar as raízes, o champô púrpura e o condicionador profundo davam demasiado trabalho à residente exausta, razão pela qual pedi à cabeleireira que me fizesse madeixas mais escuras.

Pestanejo, como se não pudesse acreditar que ele tem a coragem de agir como se a forma como pinto o cabelo o ofendesse.

Só que posso. Porque este ano ele tirou a máscara e mostrou-me toda a sua fealdade egoísta.

— Tem graça. Eu gostava mais de ti quando pensava que não tinhas seduzido a minha irmã mais nova e depois dado cabo dela.

Ele zomba. *Resmungo.*

— Não foi assim que aconteceu. Ela estava obcecada por mim.

Torço o nariz, sentindo o cheiro a treta que emana dele.

— Um médico muito mais velho salva a vida da paciente menor. Usa a sua aparência física e o seu poder para a deixar a comer-lhe da mão.

Torna-se um herói para ela. E então, assim que a paciente faz dezoito anos, enrola-se discretamente com ela, como se fosse algum segredo sujo. E quando conhece a irmã mais velha, mais apropriada, larga-a como a uma pedra e casa-se com a que não o fará perder o emprego por violação do código deontológico. Oh! — Espeto o dedo no ar. — Mas eis o corolário. Não desiste logo da irmã mais nova. Persegue-a e assedia-a, sabotando cada nova relação que tem só porque pode. Ou talvez se sinta melhor quanto àquele recuo na linha do cabelo que tenta encobrir.

A minha raiva é um turbilhão, mas sou eu a agitar as minhas águas ao ceder-lhe de todo.

Cruza os braços e fulmina-me com o olhar. Todo o cabelo louro arranjado, olhos azuis a brilhar e a boa aparência de um *Ken*.

— Sabes que nunca a amei.

Uma fúria incandescente trespassa-me. Tudo à volta fica desfocado enquanto os meus olhos se concentram no canalha com quem me casei. Tento manter um tom frio. Anos a treinar esta fachada guiaram-me através dos momentos mais dilacerantes. Domino bem o papel.

Mas hoje custa-me.

— Achas que nunca a teres amado torna as coisas melhores? É da minha irmã que estás a falar. A que quase morreu. E passaste anos a lixá-la. E quanto a mim? Também não me parece que alguma vez me tenhas amado.

As minhas palavras ecoam no vestíbulo espaçoso enquanto nos fitamos.

— Amei.

*Amei*. É essa a sua declaração?

Rio-me amargamente.

— Com quem estás tu a brincar, Robert? Nunca te cansas de mentir? De tentar manter as tuas histórias em ordem? Acabou-se o jogo. Eu vejo-te. Fizeste-me acreditar que tinha algo que nunca tive. Enganaste-me.

Ele não me corrige. Limita-se a fulminar-me com o olhar. Não devia doer, mas dói.

— Pelo que me fizeste? És-me indiferente. Pelo que fizeste a ela? Odeio-te. Não te tocaria com uma vara de trezentos mil metros se tivesse percebido o tipo de homem que és. À primeira, todos caem, mas não vai haver segunda. É o meu novo lema.

Dito isto, pego na mala e rodo nos calcanhares, abrindo a porta com tanta força que esta bate na parede. Odeio o quanto estou agitada, descontrolada. Mas ergo o queixo, baixo os ombros e saio de casa com toda a plácida e impassível compostura que consigo invocar.

— Quer dizer que me vais deixar?

Como pode alguém tão instruído ser tão estúpido? Quase me rio. Continuo a andar, ao passar por ele, dou-lhe uma palmadinha no ombro como ao cão que é.

— Usa esse teu fino curso de medicina e descobre por ti mesmo.

— Nem sequer gostas dela! — grita ele, num tom lamurioso que me desce pelo pescoço como unhas a raspar num quadro de ardósia. — Vais a correr implorar-lhe perdão depois da grande cabra que foste para ela ao longo de todos estes anos? Boa sorte com isso. Estarei aqui quando voltares a rastejar.

Mas não me digno reagir às suas farpas com um olhar sequer. Em vez disso, mostro-lhe o dedo do meio por cima do ombro e tiro satisfação de saber que está errado.

Que não é tão inteligente como pensa.

E eu também não. Neste momento, sinto-me muito pequena e estúpida.

Porque amo a minha irmã.

Tenho apenas uma forma lixada de o demonstrar.



Espero não morrer agora que estou a recuperar algum controlo sobre a minha vida.

Quero começar de novo. No entanto, sinto pavor.

O hospital de Chestnut Springs fica a apenas uma hora da casa onde vivo. Porque parece então a viagem mais longa da minha vida?

Comecei a fazer lá turnos há alguns meses, pelo que talvez conseguisse conduzir o tempo todo de olhos fechados, mas hoje neva o suficiente para me deixar os nós dos dedos brancos de tanto apertar o volante.

Além disso, ainda remoo no facto de ter perdido a calma.

O Rob começou aquela discussão dizendo que não percebia porque haveria eu de querer trabalhar nesse hospital sórdido, e não me senti inclinada a contar-lhe a verdade.

Primeiro, que é um alívio trabalhar num hospital onde não sou a mulher dele e nem a filha da minha mãe. Posso exercer medicina e orgulhar-me sem ter de lutar com os sussurros e olhares de pena. Sem essas merdas a pender-me sobre a cabeça.

Porque toda a gente sabe, mas ninguém fala no assunto, e essa abordagem desgasta-me a sanidade. Sei como me veem. Podem não o verbalizar, mas não deixo de o ouvir com toda a clareza.

Uma médica que conseguiu a sua posição no hospital através de ligações familiares e do casamento.

Uma mulher inacessível, fria e infeliz.

Uma esposa suficientemente patética para ignorar a traição do marido.

E segundo, porque nunca quis tanto estar perto da minha irmã como agora. Quando ela estava doente, esgueirava-me para o hospital a fim de ver como estava, lia a sua ficha para saber como evoluía, apesar de ainda andar só na universidade. E agora? Agora, olho para a minha irmã mais nova e só vejo os anos que perdi.

Vejo uma mulher que viveu em sofrimento para me poupar a um pouco do meu.

Parece que somos parecidas nesse sentido.

Agora, está feliz, noiva de um homem cujo cabelo é demasiado comprido, mas que a ama de uma forma que jamais experienciarei. E também estou feliz por ela — sabe Deus que merece alguma paz. Abandonou a licenciatura em direito e o emprego seguro na agência de gestão desportiva do nosso pai para abrir um ginásio e viver num pequeno e pitoresco rancho.

Admiro-a.

Mas não faço ideia de como reparar o abismo entre nós. Assim, aceitei um emprego a tempo parcial na pequena terra onde ela vive, na esperança de nos cruzarmos e resolver as coisas de forma natural.

Tenho uma história recorrente na cabeça. Devo estar a tentar manifestá-la ou algo do género.

Nela, a minha irmã vem a descer o passeio e eu vou casualmente de encontro a ela ao sair do adorável cafezinho parisiense na rua principal. Parece chocada ao ver-me. Esboço-lhe um sorriso caloroso, e não é forçado. Então, aponto com o polegar por cima do ombro e digo: «Ei, queres, hã... queres tomar um café?» Isto de uma forma casual e encantadora que a faz sorrir-me também.

Claro que teria de passar tempo noutros lugares que não o hospital e o hotel para que isso acontecesse. Mas continuo a esgueirar-me entre as duas zonas seguras, demasiado assustada e envergonhada para a enfrentar.

— Que se lixe — murmuro, enquanto fungo e me sento mais direita, de olhos fixos na estrada. — *Siri*, liga a *Summer Hamilton*.

O instante de silêncio que se segue é pesado, carregado de anos de antecipação.

— Ligando a *Summer Hamilton* — responde a voz robótica. A formalidade é uma estocada no peito. A maioria das irmãs teria alguma alcunha fofa gravada no telemóvel. Talvez a tratasse por *Sum* se fôssemos amigas. No estado em que as coisas se encontram, bem que podia incluir-lhe o nome do meio na lista de contactos.

O telefone toca. Uma vez. Duas.

E então ela atende.

— *Winter*? — pergunta sem fôlego. Mas o meu nome não é uma acusação nos seus lábios. É... esperançoso.

— Olá — digo estupidamente. Nenhuma formação ou algum manual de medicina me poderia preparar para esta conversa. Desde que tudo rebentou naquele dia no hospital, reproduzi-a na minha cabeça um milhão de vezes. Passei noites acordada a preparar-me.

E não foi suficiente.

— Olá... Estás... estás bem?

Anuo, sentindo um ardor na ponte do nariz. Fui horrível para a *Summer* ao longo dos anos, e a sua primeira reação é perguntar-me se estou bem.

— *Win*?

Inspiro fundo. *Win*. Foda-se. Essa alcunha. Sai-lhe com tanta naturalidade. Distraída, pergunto-me de que forma estou identificada nos



seus contactos. Sempre imaginei que fosse como *Meia-irmã Malvada*, ou algo do género.

É simplesmente simpática. Quase me dá náuseas depois de tudo o que passámos, e da frieza com que a tratei.

Não mereço a Summer. Mas quero merecer. E isso implica ser sincera.

— Não. Não creio que esteja bem — respondo, pigarreando para disfarçar a voz.

— Certo. — Consigo imaginá-la a assentir neste momento, a estreitar os lábios, a mente a zunir enquanto tenta resolver este problema por mim. É assim que ela é. Alguém que resolve.

Posso ser médica, mas a Summer sempre foi alguém que cura.

— Onde estás? Precisas que te vá buscar? Estás ferida? — Hesita. — Oh! Precisas de apoio jurídico? Já não exerço, mas posso...

— Posso ver-te? — pergunto, de súbito. E agora parece ser a vez de ela cair num silêncio estupefacto. — Vou a caminho de Chestnut Springs. Podia... Sei lá. — Um suspiro entrecortado sobe-me pela garganta. — Pagar-te um café? — termino pateticamente, olhando para o relógio digital que mostra que são seis da tarde.

A sua voz emerge da linha um pouco embargada, ténue.

— Adoraria. Mas pode ser antes vinho?

Um nó de tensão desata-se no meu peito, um que nem sabia que estava lá. E, agora que reparei nele, sinto que estava lá há anos.

— Sim. — Os meus dedos pulsam no volante. — Sim. Vinho. Ótimo. Pareço uma maldita cavernícola.

— Temos um jantar de família na casa principal esta noite. Vai lá estar um monte de gente. Adoraria se viesses também.

A minha garganta fica entupida. Este género de benevolência parece-me estranho ao fim de tanto tempo a viver numa bolha estéril com o Rob e a minha mãe. Este tipo de perdão... Não sei como lhe reagir.

Por isso, deixo-me levar. Parece-me o mínimo que posso fazer.

— Envias-me a morada?

